



SOLITUDE

A relevância da solidão não bate quando a campainha não é mais uma escolha. E o peso do sorriso forçado bate como se fosse luta de Olimpíada.

Só sei que assim que penso nisso – e no fato de ter livre-arbítrio – driblo os dez amigos que me encurralam para as mesmas perguntas de sempre, mas hoje, não. Hoje quero ficar muda.

Atravesso o que acredito ser metade de um bairro até chegar ao parque da cidade. Graças a Deus, agora somos eu e os bichos, que não falam.

Apoio-me na maior árvore e deixo descer. Odeio quando isso acontece. Às vezes, o demais é mesmo demais até pra quem gosta. (Culpada).

Entre lágrimas e soluços, sinto meus músculos relaxando e o peito estabilizando. Boto pra fora tudo de estimulante e apreensivo; vira quase terapia.

Quando quase sou vencida pelo cansaço, encolho-me nas raízes fora da terra e deito minha cabeça. No que eu esperava sentir o frio ou talvez um bicho ou outro, sinto uma capa dura e, de relance, vejo um livro: “Manual para muitos estímulos” – que ironia!

Não sou muito de ler, mas na primeira página já me delicio no que mais parece um manual do equilíbrio. Devoro capítulos até o anoitecer.

Quando saio do meu canto para voltar pra casa, tenho uma vontade incontrolável de abraçar aquela árvore. E, quando a abraço, pulo de susto ao sentir a cabeça de alguém que parecia estar nela encostado.

Logo descubro que não estava sonhando. Um menino calmamente se levanta do chão:

- Que bom que gostou do livro!

Atônita, eu pergunto:

- Você estava aqui o tempo todo?

Recebo, creio eu, a resposta mais sincera de toda minha vida:

- Sim. Entre o choro e você lendo o livro.

Ele me explica, rapidamente, que o livro sempre esteve ali, e que há muitos outros entre os troncos das árvores.

Assinto. E nós dois tomamos rumos diferentes.

Bom saber que boas companhias ainda existem por aí...

Isabela Silva Pinheiro

3º ano / Itapema

2025